

Manifesto: Crianças, Jovens e *Media* – Por uma Geração Ligada ao Mundo

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.189.15>

Durante dois dias, reuniu-se em Braga, na Universidade do Minho, cerca de uma centena de participantes no Congresso *bYou* “Crianças, Jovens e *Media*: Vidas (Des)Ligadas?”. Este evento levou-nos a questionar se o uso excessivo das tecnologias está a afastar os jovens do contato direto com a realidade, limitando a sua participação na sociedade, o desenvolvimento social, cultural e emocional e o sentido de comunidade. Partimos do princípio de que a hiperconectividade não pode substituir a experiência real, a vivência do mundo físico e as relações humanas autênticas.

Reconhecendo a infância e a adolescência como processos dinâmicos e considerando as crianças não como projetos de futuros adultos, mas antes como sujeitos do e no presente, que crescem e se desenvolvem, procurou-se com este congresso refletir sobre as práticas, as vivências e as expressões de crianças e jovens, em particular as relacionadas com os *media*. Através das suas vozes, procuramos analisar os seus mundos à luz dos desenvolvimentos tecnológicos que possibilitam, mas não garantem, que essas vozes sejam escutadas, reproduzidas e partilhadas.

No seguimento do que preconiza a Convenção sobre os Direitos das Crianças, o projeto *bYou* mostrou a importância de dar voz às crianças e aos jovens, verbalmente ou recorrendo a outras formas de produção e de expressão. Mostrou, também, que o simples facto de se ouvir as crianças não é suficiente; as suas opiniões têm de ser seriamente consideradas, reconhecendo que são capazes de formar as suas próprias opiniões. Como refere Ana Nunes de Almeida (2009), “considerar que as crianças têm uma visão consistente, e própria, do mundo que as rodeia alerta-nos para a prioridade metodológica de lhes dar voz (na investigação) e de as considerar informadoras credíveis sobre as suas vidas e os significados que lhes atribuem” (p. 34)¹.

A relação entre crianças, jovens e os *media* exige reflexão contínua, mas também ação.

¹ Nunes de Almeida, A. (2009). *Para uma sociologia da infância. Jogos de olhares, pistas para a investigação*. Imprensa de Ciências Sociais.

Ao longo destes dois dias discutimos que:

1. As tecnologias transformam a comunicação, a aprendizagem e a interação, mas enfrentamos um paradoxo inquietante: estamos mais conectados do que nunca, mas será que estamos verdadeiramente ligados ao mundo e uns aos outros?
2. Os *media* podem contribuir para o desenvolvimento das crianças e jovens, mas sem substituir o mundo real (físico, analógico).
3. As interações presenciais são insubstituíveis e devem ser incentivadas, promovendo um equilíbrio saudável entre o online e o offline.
4. A informação sobre o mundo deve ser acessível e relevante, incentivando o pensamento crítico e o envolvimento ativo na sociedade.
5. O acesso à informação deve ser livre e crítico, promovendo a literacia mediática e combatendo a desinformação.
6. A segurança e a privacidade no ambiente digital são direitos fundamentais, exigindo responsabilidade do Governo, das plataformas digitais, dos professores, das famílias e das próprias crianças e jovens.
7. Se o consumo mediático aponta para vidas ligadas aos ecrãs, a dimensão da expressão remete para um público mais desligado, menos envolvido e menos participativo.
8. Os meios de comunicação escolares podem ser espaços por excelência de reflexão, de debate, de criação, de partilha, de envolvimento, de intervenção e de inclusão.
9. O afastamento ou a alienação dos jovens do domínio da política não deve ser interpretado apenas como uma forma de desinteresse ou ignorância; no projeto bYou, os jovens fizeram apelos para que a política fosse ensinada e discutida na escola.
10. A capacitação não pode ser uma mera retórica e a escuta das vozes das crianças não pode ser apenas uma promessa.
11. A literacia mediática é essencial para preparar os jovens para uma participação ativa, crítica e consciente na sociedade.
12. É fundamental o desenvolvimento de políticas públicas para promover a literacia mediática com o objetivo de formar públicos críticos e esclarecidos, garantindo que as crianças e os jovens saibam interpretar, avaliar e utilizar os *media* e os seus conteúdos de forma responsável.

Consideramos que é importante haver um compromisso com:

1. Escutar mais e melhor as crianças e os jovens e comunicar com eles de forma mais eficiente.
2. Criar oportunidades para que crianças e jovens se liguem mais ao mundo físico, promovendo atividades lúdicas e culturais, que envolvam e estimulem a sua participação na comunidade escolar e local.
3. Defender a importância de um tempo de qualidade nos ecrãs, mas também fora deles, fortalecendo os laços interpessoais e a empatia.
4. Desenvolver iniciativas educativas que ajudem os jovens a gerir o uso da tecnologia de forma responsável e saudável.
5. Garantir que a tecnologia seja uma aliada do desenvolvimento e da promoção dos direitos humanos, e não uma barreira.
6. Sensibilizar para a importância do contacto com o mundo físico, incentivando a leitura, a reflexão crítica e a participação social.
7. Criar oportunidades para que, além de estarem online, estejam também verdadeiramente presentes na vida, na comunidade e no mundo.
8. Promover o acesso e o interesse por notícias e informação de qualidade, ajudando os jovens a compreender os desafios globais e a tomar decisões informadas sobre o seu presente e o futuro.
9. Implementar campanhas de prevenção e de capacitação, dirigidas a crianças e jovens, mas também às famílias, contando com a ação dos *media*, em especial os de serviço público.
10. Apostar na formação inicial de professores e continuar a investir na formação contínua dos docentes.
11. Implementar e apoiar políticas públicas que incentivem a literacia mediática, formando cidadãos com interesse em informarem-se e em estarem informados, capazes de distinguir informação fidedigna de desinformação e promovendo um consumo crítico e consciente dos *media*.

Vidas ligadas ou desligadas?

A resposta não se encontra apenas nas tecnologias, mas na forma como escolhemos utilizá-las e no modo como queremos relacionar-nos com elas. Nesse sentido, é primordial envolver as crianças e os jovens neste debate, para que possam aprender o valor de terem os olhos desocupados. Como diz André Carrilho (2020), “é bom ter os olhos desocupados! É bom ver mais longe, pra todos os lados”².

Braga, 8 de fevereiro de 2025

Sara Pereira
Daniel Brandão

Presidentes da Comissão Organizadora e da Comissão Científica do Congresso bYou

² Carrilho, A. (2020). *A menina com os olhos ocupados*. Bertrand Editora.